

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM TEATRO: PRÁTICAS ARTÍSTICAS E PEDAGÓGICAS NOS ENCONTROS COM A TURMA DE ESTÁGIO

Wellington Menegaz¹

Resumo: Neste artigo, compartilho os caminhos que venho trilhando como professor das disciplinas Estágio Supervisionado I e II, no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Apresento propostas artísticas e pedagógicas desenvolvidas nos encontros semanais com as turmas de estágio, com o objetivo de reverberar saberes e reflexões sobre as práticas realizadas pelas/os estudantes nas escolas de educação básica do município de Uberlândia – MG. Entre essas práticas, destaco a metáfora da navegação com barquinhos de papel e mapas de viagem, a escrita de cartas para a cápsula do tempo, os diários de bordo em múltiplos formatos, os piqueniques e os encontros com professoras/es convidadas/os. Essas atividades foram concebidas como formas de promover escuta, troca e reflexão sobre a docência em Teatro. Ao longo do texto, reflito também sobre como esses processos me colocam em constante movimento formativo.

Palavras-chaves: Estágio Supervisionado; Educação básica; Teatro.

¹ Professor do Curso de Teatro e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Drama – GruD (CNPq). Pós-doutor, Doutor e Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8062-4600> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4339892040710332> E-mail: wellmenegaz@ufu.br

THE SUPERVISED INTERNSHIP IN THEATRE: ARTISTIC AND PEDAGOGICAL PRACTICES DURING THE MEETINGS WITH THE INTERNSHIP GROUP

Abstract: In this article, I share the paths I have been following as a professor of the 1 and 2 Supervised Internship course in the Bachelor's Degree in Theatre at the Federal University of Uberlândia (UFU). I present artistic and pedagogical proposals developed during weekly meetings with the internship groups, aiming to resonate knowledge and reflections on the practices carried out by the students in basic education schools in the municipality of Uberlândia – MG. Among these practices, I highlight the metaphor of navigation with paper boats and travel maps, the writing of letters for a time capsule, the use of logbooks in multiple formats, picnics, and meetings with invited teachers. These activities were designed to foster listening, exchange, and reflection on theatre teaching. Throughout the text, I also reflect on how these processes place me in a constant formative movement.

Keywords: Supervised Internship; Basic Education; Theatre.

Introdução

Este artigo² trata de invenções — do meu ato de inventar caminhos nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde atuo como professor efetivo desde 2013. Compreendo que o estágio se estrutura a partir de três tipos de encontros que se entrelaçam: os encontros com estudantes da turma de estágio, que acontecem semanalmente na universidade; os encontros de orientação; e os encontros com o campo — ou seja, a escola de educação básica ou a comunidade, espaços não formais. Cada um afeta o outro e não podem ser pensados separadamente.

O recorte deste artigo concentra-se nos encontros semanais com toda a turma de estágio, mais especificamente, nas atividades artísticas e pedagógicas que venho elaborando para reverberar saberes e reflexões sobre as práticas realizadas pelas/os estudantes nas escolas de educação básica do município de Uberlândia – MG.

Tantas questões permeiam uma aula de estágio supervisionado. Ao longo desses anos em que passei a ser professor de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), comecei a pensar em como possibilitar um espaço de potência nos encontros semanais com a turma — um espaço que consiga ser instigante para as/os estudantes da graduação e, ao mesmo tempo, um campo de reflexões e trocas de saberes em relação às questões que vivenciam nas escolas, bem como outras que surjam no transcorrer do semestre.

O estágio nas escolas de educação básica se apresenta como um espaço desafiador e instigante para a/o estudante que está na licenciatura: muitos desafios, às vezes momentos de desilusão com a educação em nosso país, outras vezes um lugar de possibilidades e trocas de saberes com crianças,

² Este artigo tem origem na minha fala intitulada *Teatro e Educação Básica: caminhos de um professor de estágio supervisionado no Curso de Teatro da UFU*, realizada em 25 de julho de 2024, durante a programação do 1º Seminário Nacional de Estágio Supervisionado em Teatro, promovido pelo Grupo de Trabalho do Laboratório de Práticas Pedagógicas do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. A partir daquela exposição, o texto foi revisado e ampliado, incorporando reflexões posteriores e depoimentos de estudantes que participaram do Estágio Supervisionado I e II.

adolescentes etc. Em meio a “águas” agitadas, como fazer com que o espaço de encontro semanal com a turma de estágio consiga ser um momento, de certa forma, tão instigante quanto as idas às escolas?

No início da minha atuação como professor de Estágio Supervisionado, eu ainda não tinha essa dimensão. As aulas se concentravam principalmente nas partilhas do vivido na escola, na discussão de textos que abordavam questões emergentes da sala de aula, e, a partir desse entrecruzamento, surgiam reflexões sobre a experiência docente em formação – como uma fórmula que se repetia em quase todas as aulas. As orientações aconteciam em horários combinados com as duplas. Percebi que, à medida que o semestre avançava, as “águas” ficavam paradas, transmitindo uma sensação de tédio. Era como uma fórmula que se repetia continuamente: partilhar e debater questões que surgiam. Isso cansava muitas/os estudantes.

Pensando nisso, comecei a criar estratégias em nossas aulas para despertar o interesse das/os estudantes e trazer diversas camadas de possibilidades para reverberar e tecer reflexões sobre as percepções vividas nas escolas, bem como ampliar o repertório de possibilidades a ser experimentado nos planos de aula. E é sobre essas atividades artísticas e pedagógicas que trata este artigo.

Como esse percurso não se faz sozinho, e é por meio do coletivo que as descobertas surgiram, entrevistei um grupo de estudantes que cursaram as últimas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II³, que ministrei no Curso de Teatro da UFU, com o intuito de trazer suas vozes por meio de depoimentos que comporão esta escrita. Mas, antes, irei apresentar um pouco do contexto no qual o Estágio Supervisionado do Curso de Teatro da UFU está inserido, bem como o contexto da minha prática enquanto professor de estágio.

³ Os períodos foram os seguintes: Estágio Supervisionado I, de maio a novembro de 2024 (1º semestre de 2024); e Estágio Supervisionado II, de dezembro de 2024 a maio de 2025 (2º semestre de 2024).

Estrutura dos Estágios Supervisionados no Curso de Teatro da UFU

Na UFU, temos três cursos de graduação em Teatro, todos com entradas anuais: Licenciatura Integral, Licenciatura Noturna e o Bacharelado Integral. O curso integral funciona em regime ABI (Área Básica de Ingresso), permitindo à/ao estudante iniciar na licenciatura e, ao final, solicitar permanência para completar o bacharelado. Segundo a *Reformulação do projeto político pedagógico do Curso de teatro – licenciatura* (2017, p. 24): “Estudantes [...] [que tenham interesse] em cursar os dois graus, devem optar pela Licenciatura, integralizá-la antes e solicitar permanência de vínculo para completar a carga horária obrigatória do curso de Bacharelado”. Já o curso noturno não há esta opção, uma vez que ele é um curso que oferece exclusivamente a licenciatura. Os estágios obrigatórios da licenciatura do Curso de Teatro são quatro:

- Estágio Supervisionado I — Voltado para a observação participante, evitando a lógica da observação passiva, e para a realização efetiva de uma aula ou de jogos que possam compor, de algum modo, a prática do/a professor/a supervisor/a. Estimula-se o envolvimento com a prática do/a professor/a parceiro/a docente, buscando compreender os porquês de suas escolhas pedagógicas;
- Estágio Supervisionado II — Nas primeiras aulas, ocorre a observação participante e, em seguida, a realização efetiva de uma ou mais aulas, permitindo às/aos estudantes experimentar a docência;
- Estágio Supervisionado III e IV (COMFU – Comunidade em Cena na UFU) — voltados para espaços não formais de ensino, com ênfase nas oficinas abertas à comunidade. Realizadas desde 2006, essas oficinas têm forte inserção na cidade de Uberlândia e já integram o calendário cultural local. Nesse estágio, as/os estudantes ministram oficinas de teatro para a comunidade, sob orientação e supervisão de um/a professor/a do curso.

Todos esses estágios são pensados de forma coletiva no âmbito do LAPET – Laboratório de Práticas Pedagógicas do Curso de Teatro. Esse laboratório não é apenas um espaço físico — no caso, a sala 08 A, do bloco 3M, localizado no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia —, mas um campo de pensamento compartilhado pelas/pelos docentes Paulina Maria Caon, Rosimeire Gonçalves dos Santos, Henrique Bezerra de Souza e por mim. É importante também reconhecer a contribuição fundamental da professora Mariene Hundertmarck Perobelli, que atuou no LAPET e no curso como professora efetiva entre 2010 e 2025, bem como da professora Vilma Campos dos Santos Leite, hoje aposentada, mas que integrou o corpo docente efetivo do Curso de Teatro da UFU entre 2005 e 2019.

O Campo de Estágio

O campo de estágio está majoritariamente situado em escolas da Educação Básica do município de Uberlândia – Minas Gerais, distribuídas entre as redes municipal, estadual e federal. A parceria com essas escolas se dá por meio de uma rede de professoras/es egressas/os do curso, que acolhem as/os estagiárias/os em uma relação de escuta, afeto e construção conjunta. Antes do início do estágio, converso com cada professor/a parceiro/a para discutir expectativas, possíveis desafios e estabelecer canais de comunicação.

Essas parcerias são construídas em torno de vínculos de confiança, e representam um diferencial importante no modo como concebemos o estágio como campo de aprendizagem e não apenas de cumprimento de carga horária. Vale ressaltar que, nas primeiras semanas de aula, compartilho com as/os estudantes uma lista com os horários e as escolas das/os docentes parceiros/as. Apresento, também, uma breve biografia artística e pedagógica dessas/es profissionais, para que conheçam um pouco sobre essa pessoa que será sua/seu parceira/o nessa trajetória. A partir de então, as/os estudantes escolhem em qual escola irão fazer seus estágios.

Vale destacar o estímulo para que os estágios sejam realizados em duplas, pois acredito na potência do estágio em duplas. Já trabalhei com trios,

mas isso pode descaracterizar a experiência, uma vez que muitas das escolas em que nossas/os estudantes fazem estágio, encontramos salas lotadas, com cerca de 30 alunas/os, além do/a professor/a de Arte. Colocar mais três ou quatro estagiárias/os neste contexto, alteraria muito a dinâmica das práticas pedagógicas. Também evito que o estágio seja realizado de forma individual. Duplas permitem trocas intensas e reflexões mais profundas — muitas vezes, é no ônibus de volta da escola para a universidade que as conversas mais significativas acontecem. É ali que o conhecimento também se constrói. Porém, isso não é uma imposição, ao contrário, conversamos a respeito e às vezes acontecem exceções, muitas delas relacionadas a incompatibilidade de agendas de alguns/algumas estudantes.

Sobre o estágio ser realizado em duplas, apresento o olhar de dois estudantes: “Fazer em dupla é muito importante para mim. É difícil encarar desafios já estando confiante de cara, ter alguém com quem dividir o peso facilita” (Regina, 2025, depoimento pessoal):

Desenvolver o estágio em dupla traz a reflexão de ver como o outro percebe aquilo que estamos vivenciando juntos. Muitas vezes, um trouxe ao outro uma visão diferente, outras possibilidades de interpretação sobre os acontecimentos, outras propostas de atividades, pois estamos pensando juntos. Além disso, há a divisão da carga de ter que dar aulas, já que dávamos todas as aulas juntos. (Campos, 2025, depoimento pessoal)

As turmas de estágio do Curso de Teatro da UFU geralmente têm cerca de 14 a 20 estudantes. Ou seja, temos em torno de 07 a 10 duplas por turma. Trabalhar com esse quantitativo de duplas por semestre não é simples. E a UFU, no cenário pós-pandêmico, adotou a organização de três semestres por ano, o que significa três ciclos completos de estágio em um único ano. Dentro dessa perspectiva de semestre, tenho estabelecido, tanto no Estágio 1, quanto no 2, como princípio, a realização de pelo menos oito visitas às escolas, por duplas de estudante.

Outro desafio dos estágios é a elaboração dos termos de compromisso do estágio. Antes de adentrarem nas escolas para realizarem seus estágios supervisionados, cada dupla de estudante precisa escolher a escola que irá estagiar, e depois preencher seu termo de compromisso. No final, colhem as

assinaturas delas/es, minha, do/a professor/a supervisor/a, da/o representante legal da escola e de uma pessoa responsável pelo Setor de Estágio da UFU. Oriento as duplas no preenchimento, tanto durante as aulas quanto nos grupos de WhatsApp por escola que crio. Nesses grupos, envio tutoriais, respondo dúvidas e acompanho a elaboração de cada termo. Ou seja, é um processo repleto de idas e vindas, permeado por algumas demandas burocráticas.

Agora que apresentei o contexto em que minha prática enquanto professor de Estágio está inserida, passo a analisar algumas das atividades artísticas e pedagógicas que, nos últimos anos, têm estado presentes nas minhas aulas semanais com toda a turma de estágio. É importante ressaltar que, devido ao número de semanas disponíveis para o estágio, nem todas essas atividades são desenvolvidas em um único semestre. Procuro, no entanto, garantir que, ao longo do Estágio Supervisionado I e II, a turma tenha a oportunidade de vivenciá-las. Muitas dessas atividades têm a arte como procedimento de reflexão e avaliação. Afinal, somos artistas, fazedores/as de teatro, e nada melhor do que contar com teatro, jogos e ludicidade em nossos encontros.

Cápsula do tempo

Na primeira aula do Estágio Supervisionado I, proponho que cada estudante escreva uma carta para si mesma(o), pensando em como imaginam que será a experiência do estágio, projetando seus desejos, receios e expectativas até o final do Estágio II. Essa carta é direcionada à versão futura de si: à pessoa que estará concluindo o Estágio II. Depois de escrita, acontece o seguinte rito: dobramos com cuidado a carta, colocamos em um recipiente de vidro que chamo de cápsula do tempo e selamos.

Essa cápsula fica comigo. Levo para casa e a coloco em meu escritório, onde elaboro os planos de aulas de estágio. Ao longo do ano, ela permanece visível para mim – me lembrando de cada estudante, das trajetórias que estão em curso. Aproximadamente sete meses depois, no último dia do Estágio II, a cápsula é aberta. Cada pessoa lê sua própria carta para si ou para o grupo, e

compartilha suas reflexões sobre o percurso. Em algumas ocasiões, as cartas foram lidas em casa. Depois disso, algumas pessoas entraram em contato comigo para contar como foi a experiência dessa leitura.

No momento em que escrevi a carta, desejava que eu me entregasse e vivesse o período do estágio, aprendendo as particularidades e demandas de cada estudante, a importância de cada acontecimento. Acredito que, após ler a carta, permaneço com esse desejo, pois, até mesmo no futuro, no exercício da docência, será assim: aprendendo todos os dias, fazendo um eterno "estágio", aprendendo com cada estudante o fazer da docência — que se dá, realmente, somente na prática. Nenhuma teoria jamais dará conta. (Campos, 2025, depoimento pessoal)

Metáfora da navegação, barquinhos de papel e mapa

Atravessar o estágio é como atravessar um rio. Por isso, adoto a metáfora da navegação como fio condutor de várias ações. Proponho às/aos estudantes pensar o estágio como um rio. Estamos navegando sem saber exatamente como será a outra margem, sem ter certeza se vamos chegar lá — e tudo bem. Às vezes, algum estudante diz: “Acho que não quero ser professor”. Eu costumo responder: “Calma, você está na margem. Vamos viver a travessia primeiro. Depois você decide se quer continuar, voltar ou seguir por outro caminho”. A ideia é que o estágio seja vivido como experiência e não apenas como confirmação de uma escolha já feita.

Para materializar essa metáfora da navegação, nas primeiras aulas do Estágio I, fazemos barquinhos de papel. Pergunto: “Quem sabe fazer barquinho de papel?”. Quem sabe, ensina a quem não sabe. É um momento de troca, de escuta, de construção coletiva. Escolhem cores, escrevem nomes, fazem desenhos. Em geral, nesse momento, as/os estudantes já sabem em qual escola irão realizar seu estágio, mas ainda não o iniciaram.

Os barquinhos são elaborados nas aulas que compreendem o período de feito dos trâmites burocráticos para início do estágio, ou seja, elaboração dos termos de compromisso. Essa simultaneidade se dá para lembrar que somos

artistas, e não podemos deixar que a burocracia nos engesse. Ao lado do termo de estágio, fazemos barquinhos de papel.

A analogia de que o estágio é uma navegação é interessante. Construir nossos próprios barcos para passar por essa jornada é muito significativo, afinal, precisamos dar o primeiro passo para esse processo. Construir nossa própria navegação foi divertido, leve e carregado de significados e emoções — principalmente quando há o momento de relembrar toda a trajetória. (Martins, 2025, depoimento pessoal)

Colocamos esses barquinhos sobre um grande mapa da cidade de Uberlândia, que fica fixado em um mural na sala 08, do bloco 3M, o nosso LAPET. Cada barquinho é posicionado de acordo com a escola escolhida pela/o estagiária/o. Conforme o estágio avança, os barquinhos se movem, se aproximam ou se afastam. Ao longo do semestre, esses barquinhos são atualizados com registros e marcas das experiências nas escolas. O barquinho torna-se uma materialidade que acolhe sentimentos e percepções. É um gesto que carrega a ideia de que o estágio é uma navegação e que estamos em uma travessia — feita com o corpo, com o pensamento, com a sensibilidade.

Figura 1: Os barquinhos de papel de uma das turmas de Estágio⁴



Fonte: Wellington Menegaz, Universidade Federal de Uberlândia, 2022

⁴ Turma de Estágio Supervisionado I com período de estágio compreendido entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023.

Associado a isso, cada dupla de estudantes é convidada a construir seu "mapa de navegação": um registro visual das descobertas e inquietações da dupla em relação ao estágio. Começamos pensando nos pontos que queremos observar antes mesmo de chegar à escola. A partir de então, definem-se as "ilhas", que são as questões que desejam observar e visitar: aspectos da escola, da turma, e do ensino e da aprendizagem do teatro. Com o tempo, surgem novas ilhas, outras perdem o sentido. Essa dinâmica favorece uma escuta ativa e o acompanhamento dos deslocamentos de cada um/a.

O mapa de navegação nos acompanhou durante todo o período do estágio. Acredito que ele nos proporcionou sempre voltarmos o nosso olhar para nossas inquietações, indagações que tínhamos no início do estágio — questionamentos sobre as relações escolares, o ambiente, as didáticas, entre outros pontos que surgiram em cada mapa de navegação. Acredito que ele direcionava o nosso olhar para essas questões, trazendo, assim, reflexões que, ao fim, fizeram parte de nossos diários de bordo e relatórios. (Campos, 2025, depoimento pessoal)

Em algum momento, cada dupla compartilha seu mapa com a turma. Pergunto: "Essa ilha ainda faz sentido para vocês? Que nova ilha vocês desejam criar agora?". Às vezes, aquilo que era importante antes do início do estágio passa a ter menos destaque. Outras vezes, permanece, mas com uma nova perspectiva.

O mapa de navegação interage com o barquinho e com as funcionalidades que eu enxerguei nele. Serviu-me como objeto de reflexão sobre expectativas, medos, inseguranças e esperanças. Acredito que é um elemento bom para ser retomado nos últimos encontros, a fim de comparar o início e o fim do processo e refletir sobre isso. (Regina, 2025, depoimento pessoal)

Além disso, os mapas de todas as duplas ficam fixados na parede da sala de aula ao longo do semestre, podendo ser revisados sempre que as/os estudantes considerarem necessário: "Olhar para o mapa na sala, toda semana, contribuía para resgatar, na dupla, os desejos que nos impulsionavam" (Oliveira, 2025, depoimento pessoal).

Diários de bordo

Outra proposta presente em todos os semestres é a elaboração do diário de bordo para a dupla. Ele pode assumir diferentes formas. Nos últimos semestres tivemos: portfólios, documentários (vídeo), jogo de cartas, jogo de tabuleiro, história em quadrinhos, quebra-cabeça, cadernos de escritas e desenhos. O importante é que cada dupla encontre sua forma de refletir sobre o percurso vivido.

A construção do diário de bordo, que descreve a trajetória do estágio, foi, sobretudo, gratificante — principalmente por envolver materialidades e a liberdade de utilizar diferentes técnicas que melhor se encaixassem ao processo pessoal de cada um. Em meu primeiro estágio, o diário de bordo foi um caderno, enquanto no segundo foi a construção de um jogo de tabuleiro, em que as cartas descreviam sensações e acontecimentos. Foi — e continua sendo — fundamental para minha formação, pois, além de trabalhar a criatividade como um relatório processual, é um material que pode sempre ser acessado. (Martins, 2025, depoimento pessoal)

Sempre incentivo que, independentemente da forma escolhida, haja um momento de escrita manual, mesmo que esta escrita no papel seja para elaborar as ideias e reflexões que irão configurar, por exemplo, os documentários.

Em alguns semestres, organizamos uma exposição dos materiais produzidos – barquinhos, mapas de viagem e diários de bordo. Reservamos um encontro, geralmente na penúltima semana de aula, para a montagem da exposição, visitação e partilha. A cada semestre, as formas se reinventam, mas o objetivo permanece: fazer dos encontros coletivos um lugar de partilha, de experimentação e de formação.

Encontro com professoras e professores convidadas/os

Uma das práticas que se consolidaram nas minhas aulas de Estágio Supervisionado é a realização de encontros com professoras e professores da educação básica. Essas presenças ampliam os horizontes da turma, permitindo

o contato direto com experiências concretas de quem atua cotidianamente no "chão da escola". Sobre este aspecto, destaco o depoimento de uma das estudantes: "Foi importante para estabelecermos conexões com os profissionais, professores que já atuam nas escolas, e entender como lidam com as dificuldades do dia a dia, ampliando ainda mais nosso repertório" (Jaine, 2025, depoimento pessoal). Cada convidada(o) compartilha suas trajetórias e práticas como professor/a de Arte, promovendo trocas potentes com as/os estagiárias/os.

Receber pessoas que vivem, na pele, esse estado de ser professor – e em diferentes contextos – é fundamental tanto para nos dar esperanças quanto para nos oferecer baldes de água fria. E eu acredito muito na importância de ambos: nesse equilíbrio entre manter uma visão sonhadora da pedagogia e, ao mesmo tempo, não tirar os pés do chão. (Regina, 2025, depoimento pessoal)

Algumas e alguns dessas/es profissionais enviam textos previamente para leitura da turma, o que qualifica ainda mais os debates. As falas e relatos provocam atravessamentos diversos: inquietações, inspirações, ressonâncias. Estimuladas/os por esses encontros, as/os estudantes revisitavam suas próprias experiências nas escolas, com um olhar mais atento e ampliado.

Foram momentos especiais. Trazer a experiência do chão da escola torna os conhecimentos, teorias e ideais da graduação mais palpáveis, tornando a perspectiva do dia a dia da docência real, com seus pontos positivos e os desafios enfrentados. Também nos mostraram diferentes abordagens que os professores adotam, impactando a nossa maneira futura de fazer. (Neto, 2025, depoimento pessoal)

Muitas/os convidadas/os são egressas/os recentes do Curso de Teatro UFU, com menos de seis anos de formação, o que cria uma identificação geracional importante. Essas presenças mostram que muitos dos desafios encontrados na docência são compartilhados, e que é possível encontrar caminhos de atuação como professoras/es e artistas.

Como encontrar brechas para levar o Teatro adiante dentro de um currículo que, muitas vezes, não respeita a especificidade da área, exigindo que um/a professor/a de Arte atue nas quatro linguagens artísticas? Esse é um dos atravessamentos que se faz presente nos encontros de estágio. As aulas em

que recebemos professoras/es formadas/os em Teatro, nos ajudam a entender os espaços que o Teatro ocupa nas escolas em que essas/es profissionais atuam. Elas/es nos contam sobre seus caminhos para levar o teatro às suas aulas, como enfrentam os desafios cotidianos e como encontram as brechas.

Partilhas de planos de aula e jogos

No Estágio Supervisionado II, criamos um espaço para a partilha de planos de aula. Embora, em alguns semestres, nem sempre haja tempo para vivenciar cada plano em sua totalidade, buscamos compartilhar alguns dos jogos e práticas que os compõem. A forma como conduzimos esse momento varia. Nos últimos semestres, por exemplo, cada dupla apresentava sua proposta prática, e, em seguida, eu propunha alguns minutos para que as/os demais estudantes registrassem as questões que aquela prática lhes suscitava. Depois, outra dupla apresentava, e o processo se repetia. Ao final das partilhas, realizávamos um debate coletivo: cada pessoa retomava suas anotações, e a conversa se desenvolvia a partir das provocações levantadas pelas propostas apresentadas. Sobre esse aspecto destaco os depoimentos de duas estudantes: "Extremamente relevante foi a partilha com os colegas, que nos abriu outras possibilidades e diferentes ângulos para quando fôssemos desenvolver os mesmos planos em sala de aula" (Jaine, 2025, depoimento pessoal).

A partilha de jogos coloca em prática a teoria, me faz pesquisar e descobrir novos repertórios. Testar esses jogos com meus colegas e discutir em grupo leva a um crescimento profissional sobre as possibilidades que posso levar para as minhas aulas, ampliando meu repertório. (Regina, 2025, depoimento pessoal)

Percebo essas partilhas como uma forma de nutrir o repertório das/os estudantes, especialmente nos momentos em que elas/es irão ministrar aulas. Além disso, elas funcionam como um estímulo ao debate sobre a realidade vivenciada nas escolas durante o estágio, favorecendo reflexões sobre a prática docente.

As partilhas foram muito proveitosas para minha formação. Essas aulas contribuíram diretamente para a construção de repertório, para o direcionamento e para o auxílio na escolha do tipo de jogo, dependendo da idade com que iremos trabalhar na docência. (Neto, 2025, depoimento pessoal)

Destaco, ainda, que em alguns momentos levo propostas de abordagens metodológicas para o ensino do teatro, como aulas sobre Jogos Teatrais, Teatro do Oprimido e Drama. Também proponho jogos que nos permitem vivenciar e discutir textos teóricos — ou seja, experimentar, por meio da arte e do corpo, a relação entre teoria e prática.

Giro bibliográfico, autorretratos, piqueniques e mural de partilha entre turmas

Além das atividades já apresentadas neste artigo, destaco outras que costumo propor em minhas aulas. Uma delas é o que denomino “giro bibliográfico”: livros são levados para a sala, dispostos no chão, abertos para o manuseio livre. São obras relacionadas à Pedagogia do Teatro, que trazem práticas, repertórios, autoras e autores que discutem o ensino de teatro. Além disso, incentivo as/os estudantes a visitarem a biblioteca e a revisitarem leituras feitas em outros momentos do curso, que possam contribuir nesse momento do estágio na escola.

Em algumas aulas, proponho atividades com autorretratos ou desenhos das configurações familiares das/os estudantes. Reconhecer quem são essas pessoas é fundamental. Não se trata de uma turma genérica, geralmente composta por mais de 15 estudantes, mas de indivíduos com histórias de vida, origens sociais, identidades de gênero e trajetórias singulares. Por isso, costumo propor autorretratos no início do estágio. Depois de fazerem seus desenhos, cada estudante apresenta seu autorretrato, compartilhando histórias de vida a partir dele. Com o passar do tempo, esses autorretratos vão se transformando, influenciados pela vivência nas escolas. Já desenvolvi, também, atividades com desenhos das configurações familiares, em que cada estudante representa quem considera sua família hoje. É interessante observar que muitas/os desenhavam colegas de turma ou pessoas com quem moram nas repúblicas.

Destaco, também, os piqueniques. Neles, cada estudante de estágio e eu levamos algum alimento para partilhar — café, chá, bolo, pão de queijo, frutas, entre outros — e juntos dividimos comida, conversas e afetos. Comer juntos é também criar um espaço de convivência e acolhimento. Esses momentos funcionam como uma pausa, um ambiente para acolher e conversar de forma mais leve.

Vale destacar que, nos piqueniques e em outras ações aqui relatadas, acontecem partilhas sobre o estágio nas escolas. Nesses momentos, as/os estudantes falam sobre seus atravessamentos, levantam reflexões, expressam anseios e compartilham descobertas.

Acredito que os momentos de reflexões e relatos sobre o estágio na escola nos trazem outra dimensão do estágio. Cada dupla está inserida em um contexto e realidade escolar diferentes; a partir do momento em que as experiências são compartilhadas, ampliamos nosso olhar para outras possibilidades e realidades. Assim, tomamos consciência das diversas realidades escolares e das possibilidades de ambientes que encontraremos na docência. (Campos, 2025, depoimento pessoal)

Como Campos nos aponta acima, as reflexões envolvem não apenas o ato de relatar as próprias experiências, mas também a escuta atenta das vivências de outras pessoas — o que amplia o olhar para as diversas realidades e perspectivas que atravessam a docência em Teatro. Nas palavras de uma estudante: “Compartilhar essas experiências no coletivo, além de proporcionar um lugar de acolhimento, também promove aprendizado, pois pensamos juntos estratégias, soluções e possíveis respostas para os desafios que podem surgir” (Oliveira, 2025, depoimento pessoal). Trata-se também de perceber como as/os colegas de navegação fizeram descobertas e teceram suas reflexões a partir dos acontecimentos que surgiram ao longo de suas trajetórias nas escolas.

As experiências não são individuais, sejam positivas ou negativas, mas podem ser únicas. Compartilhar com pessoas que passam pelas mesmas horas semanais, anseios e conquistas é muito importante, além de mostrar que esse é um processo que não se realiza sozinho. Compartilhar ajuda a enxergar diferentes pontos de vista sobre situações semelhantes e até a descobrir novos caminhos através dos relatos. (Martins, 2025, depoimento pessoal)

Além disso, em alguns semestres, temos muitas/os estudantes que são trabalhadoras e trabalhadores. Como, nos últimos anos, tenho ofertado o estágio para turmas do período integral, algumas pessoas acabam precisando trabalhar à noite ou durante a madrugada, uma vez que durante os períodos da manhã e tarde acontecem as aulas. Assim, às vezes chegam cansadas/os para os encontros semanais de estágio, especialmente aqueles que ocorrem pela manhã. Pensar nesse público é fundamental para organizar as dinâmicas das aulas. Com isso em mente, outra prática que gosto de desenvolver é realizar as aulas de estágio em espaços abertos. Por isso, geralmente promovemos piqueniques, jogos e outras atividades que tiram o grupo da sala, possibilitando momentos de descontração e cuidado.

Outra prática foi o mural de partilha entre turmas – realizado em um dos semestres letivos, em parceria com a professora Paulina Maria Caon. Eu trabalhava com a turma de Estágio Supervisionado II do período integral, enquanto Paulina dava aula para a turma do mesmo estágio no turno noturno. Ambas as turmas utilizavam a mesma sala – a sala 8A, LAPET –, mas em horários diferentes: eu ministrava aula às quartas-feiras pela manhã, e ela às terças à noite.

A ideia surgiu de nós dois, Paulina e eu, a partir da observação dos vestígios que a cidade vai deixando, essas mensagens que encontramos espalhadas pelos muros da escola. Inspirados por esse diálogo silencioso, propusemos que as turmas se comunicassem por meio de um mural, onde deixavam mensagens umas para as outras. Às vezes, era uma pergunta lançada, que a turma seguinte respondia; outras vezes, um comentário ou um desenho que despertava reflexões.

Assim, o mural se tornou um espaço de comunicação e troca sobre o estágio, e combinamos que essa seria a única forma proposta por nós, de diálogo entre as duas turmas. Enquanto nos comunicávamos por diversas formas dentro de cada turma, o mural tornou-se o canal de diálogo entre elas, criando uma conexão silenciosa, mas muito potente, sobre as vivências no estágio.

Considerações finais – O professor também está em processo

As atividades partilhadas nesta escrita são modos de fazer que sustentam uma ética e uma estética da formação docente. Sou artista, desenvolvo meu ofício de ser ator e professor, e considero que isso precisa reverberar nas minhas escolhas pedagógicas para a disciplina de Estágio, bem como para todas as que venho a ofertar na universidade. Meu principal objetivo com elas é que as/os estudantes se sintam motivadas/os a viver e refletir sobre suas primeiras experiências rumo ao ofício de ser professor/a de Teatro.

Todas essas atividades lúdicas deixam o processo do estágio um pouco mais leve. Acredito muito em reflexões criativas e artísticas, mais do que em sentar e conversar sobre (o que também funciona, mas, para mim, é menos estimulante do que o fazer artístico e, após ele, uma conversa). (Regina, 2025, depoimento pessoal)

Busco, nos últimos anos, que as atividades aqui relatadas propiciem espaços de partilha de reflexões, movimentos, improvisações, jogos, escritas, entre tantas outras possibilidades que o encontro pode nos proporcionar. Um trânsito entre o real e o simbólico. Entre as navegações de um barquinho de papel por ilhas presentes em um mapa de viagem e as múltiplas realidades que encontramos no “chão” da escola. É importante reconhecer que a escola de Educação Básica é um espaço desafiador, com várias limitações – principalmente para nós, artistas fazedoras/es de teatro. Mas, também, é um lugar de possibilidades e de encontros: com as crianças, adolescentes, comunidades e profissionais que lá desenvolvem seu ofício.

Os caminhos que busco trilhar no estágio, a partir das atividades artísticas e pedagógicas, levam a um campo de escuta e afeto. Como, por exemplo, os momentos de autorretratos ou os piqueniques, em que podemos nos conhecer um pouco mais e perceber quem são as/os parceiras/os de navegação, quais as rotas que têm percorrido e as descobertas feitas nesse navegar.

Busco estar com uma escuta sensível para o que acontece em nossas aulas de estágio. Neste processo, percebo que o primeiro contato com a docência em Teatro é um momento em que muitas/os estudantes irão trazer seus medos, desejos e incertezas. Tudo isso me afeta diretamente. Quando

dizem: “Entrei no curso para ser atriz, ator, não quero ser professora/professor”, acolho essas palavras com atenção. Muitas vezes, esse “não querer” vem de um medo de que ser professora/professor anule a dimensão artística. Essa visão parte de uma compreensão ainda parcial da nossa arte, como se fosse preciso escolher apenas um caminho. Contudo, a realidade da nossa profissão é diversa. Professoras e professores de Arte da educação básica, que recebem nossas/os estagiárias/os nas escolas, frequentemente exercem múltiplas funções: docência, atuação, produção, direção, entre outras. Nossa trajetória profissional perpassa diferentes áreas. Não se trata de excluir uma função em favor da outra, mas de ampliar as possibilidades. Ser professor ou professora não significa deixar de ser artista. Vale destacar, também, que optar por não seguir a docência na educação básica é uma escolha legítima. Contudo, é importante reconhecer que há múltiplos caminhos possíveis para nós, artistas, no contexto brasileiro. Refletir sobre essas questões com as/os estudantes contribui para acalmar certas angústias iniciais e ampliar o olhar para o campo profissional.

Apresentei neste artigo alguns dos modos como tenho pensado, nos últimos anos, os encontros coletivos com as turmas de Estágio. Cada profissional que atua com estágios desenha seu trajeto. São múltiplas as navegações. São múltiplos os meus caminhos. Me vejo em um fluxo, em que, a cada semestre, busco rever minha prática e, a partir de então, repensar os caminhos para o próximo semestre. Dessa forma, vou seguindo minha navegação. Ao longo desses anos, fui compreendendo que os encontros coletivos com a turma de Estágio Supervisionado também são momentos em que me coloco em formação, em uma constante revisão de minha prática pedagógica. Finalizo dizendo que a construção coletiva é o que nutre o meu ofício de professor de estágio — por meio do encontro com as/os estudantes da graduação, das parcerias com professoras/es da Educação Básica, com as escolas, com as/os colegas do LAPET, entre tantas outras trocas que compõem minha trajetória.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Guilherme Pimentel. **Depoimento concedido a Wellington Menegaz de Paula**. Uberlândia, abril de 2025. Arquivo pessoal.

JAINE, Daniela. **Depoimento concedido a Wellington Menegaz de Paula**. Uberlândia, abril de 2025. Arquivo pessoal.

MARTINS, Camilly da Silva. **Depoimento concedido a Wellington Menegaz de Paula**. Uberlândia, abril de 2025. Arquivo pessoal.

NETO, Salvador Modos. **Depoimento concedido a Wellington Menegaz de Paula**. Uberlândia, abril de 2025. Arquivo pessoal.

OLIVEIRA, Junya de Souza. **Depoimento concedido a Wellington Menegaz de Paula**. Uberlândia, abril de 2025. Arquivo pessoal.

REGINA, Marcela. **Depoimento concedido a Wellington Menegaz de Paula**. Uberlândia, abril de 2025. Arquivo pessoal.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Instituto de Artes. Curso de Teatro. **Reformulação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Teatro – Licenciatura**. Uberlândia, MG, 2017.

Recebido: 30/05/2025

Aceito: 04/06/2025